

ÉTICA E ESTÉTICA EM PERSPECTIVA SOCIOECOCRÍTICA: EXEMPLOS DAS OBRAS *VIDAS SECAS* E *BICHOS*

Maria do Socorro Pereira de Almeida¹

RESUMO

O estudo averigua alguns conceitos de ética e suas implicações nas relações socioambientais, considerando o olhar do humano para o outro e para o mundo. Objetiva-se, também, observar como esses fatores aparecem nas obras *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, um ícone da literatura brasileira da década de 1930, no Brasil e *Bichos*, de Miguel Torga, uma das obras representantes do Neorrealismo na década de 1940, em Portugal. Ambas trazem, essencialmente, um forte apelo em relação ao meio ambiente e aos aspectos sociais. Essa abordagem dá ao estudo um caráter *socioecococrítico*, uma vez que pretende observar como as expressões da relação sociedade/natureza estão, esteticamente, propostas na literatura e, particularmente, nas citadas obras. Nosso olhar se direciona ao questionamento dessas expressões em um contexto político-social e ambiental, observando, principalmente, pelo viés literário das aludidas obras. Entre os estudiosos que embasarão o trabalho podemos citar Aristóteles (2006), Garrard (2006), Glotfelt (1999), (Napoli (2000), Marcuse (1999), Nietzsche (2000), Ferry (2009), Almeida (2014). Ao longo do trabalho foi possível observar que os textos literários fomentam questionamentos e reflexões sobre a condição de ser e de está no mundo, porque a estética literária não é simplesmente o belo, mas aquilo que desencadeia uma ampliação do olhar numa percepção de mundo mais profunda e crítica além de fazer a relação entre vida e arte.

Palavras-chave: Literatura. Sociedade. Meio ambiente. Ética, Estética.

1 INTRODUÇÃO

Falar de ética é uma tarefa difícil e hoje, mais do que nunca, essa dificuldade é maior, haja vista a peculiaridade de cada sujeito, que se isola cada vez mais, reafirmando a frase já dita por muitos de que “cada homem é uma ilha”. O conceito de ética, aos olhos de muitos estudiosos, relaciona-se a condutas e comportamentos humanos e é representada pela frase “politicamente correto”. O que não foge à concepção de Aristóteles sobre política já que, para ele, a política engloba todas as outras ciências e traz o homem à evidência como também diferencia os valores que são defendidos por cada um.

Por outro lado, a estética que sempre foi muito importante nos estudos literários, hoje se mostra como importante elemento para discussão, uma vez que a liberdade de expressão conduz a uma arte sem face em virtude do complexo de estilos que fomenta a criação da arte. Dessa forma, é importante perceber como esses fatores são vistos por alguns estudiosos e como estão representados na literatura. Para tal intento, buscou-se nas obras *Vidas secas*, de Graciliano Ramos e *Bichos*, de Miguel Torga “nascidas” em contextos político-sociais

¹ Doutora em Literatura e Cultura, professora da UFRPE/UAST, pesquisadora do CNPQ.

semelhantes e muitos conflituosos, observar alguns fatores ligados à ética, estética, percepção de mundo e atitudes.

1.1 METODOLOGIA

Tenta-se ver como se revelam nas obras a questão ética e a moral esteticamente e se, através dos personagens é possível a reflexão no tocante a busca de alteridade e consciência de ser. Nesse ínterim, observa-se, também, como se revela o olhar ambiental com relação ao homem em sociedade e seu convívio com outros elementos da natureza e com o espaço ambiente.

O trabalho está dividido em duas partes, primeiro tentamos entender os conceitos de ética e observar exemplos nas obras em que possam ser visto que atitudes antiéticas contribuem para a desigualdade social. Depois, busca-se entender como funciona a estética, como se revela na literatura, usando exemplos das obras em questão.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.1 Uma visão de ética

É fato que pensamos a natureza como algo externo, ainda é difícil para a maioria se ver parte integrante do que costumamos chamar de natureza. Um fator que contribui para esse pensamento é que só o humano tem a 'dádiva' da razão e, justamente por isso, deveria agir em dos outros elementos da natureza, no intuito de tornar o mundo um lugar de convívio e não um espaço onde alguns vivem enquanto outros tentam sobreviver. Nessa perspectiva, observar o homem em seu convívio social e ambiental e o seu olhar para o outro é também um fator ecológico e, ao se dar através da literatura, é um olhar ecocrítico.

Para Aristóteles (2006) não existe ação sem um fim, toda ação tem um objetivo e gera uma consequência e, justamente por isso, o fim deveria ser sempre em benefício de um todo já que vivemos em sociedade. No entanto, procuramos sempre o que nos é mais conveniente, assim nascem os meios para se chegar ao fim e de onde partem as atitudes. Dessa forma, compreende-se que a ética está relacionada ao olhar do homem para o outro, ou seja, de como ele se comporta em prol de si e do seu semelhante e dos outros seres.

Aristóteles observa, ainda, a capacidade humana de acumulação de bens em benefício próprio, quando o homem deixa vir à tona a ganância, o orgulho, a soberba e avareza, ou seja, as mazelas da alma. Para satisfazer o ego, ele usa de meios obscuros, não importando se as consequências dos seus atos vão atingir, danosamente, outros seres, aspectos que lembram os

desastres ambientais em Minas Gerais em 2014 e 2019, quando barragens de minérios mataram rios, pessoas, animais e todo ambiente em torno.

Vemos que em nome do poder, o indivíduo perde o senso de justiça e de sociabilidade. Nessa perspectiva, Aristóteles diz que:

Uma vez que o homem injusto é ganancioso, a questão deve estar relacionada com bens, (mas não com todos os bens, e sim com aqueles dos quais dependem a prosperidade e a adversidade e que, considerados de modo absoluto, são sempre bons, porém para uma pessoa determinada nem sempre o são). Não obstante, os homens aspiram a tais bens e os buscam diligentemente, embora isso seja o contrário do que deveria fazer. Eles deveriam, antes, pedir aos deuses que as coisas que são boas de modo absoluto o fossem também para eles, e de fato escolher essas coisas que são boas para eles. (2006, p.104)

Na verdade, os bens materiais sempre fizeram parte da vida humana e influenciaram as ações éticas, morais, sociais e espirituais. O homem não espera naturalmente pela prosperidade, antes, tenta conseguir seus objetivos sem se preocupar com as conseqüências para os demais seres terrestres inclusive seu semelhante. A comunhão entre homem e mundo sempre estará ligada ao poder pelo poder, através do acúmulo de riqueza. De certa forma, essa concepção está relacionada com a concepção de Hesíodo, quando escreve sobre as eras de ouro, prata e bronze para poder explicar a evolução humana como pessoa e sua involução como ser essencialmente falando.

O bem para Aristóteles não é o bem em si, ou seja, o fato de ser inteligente, por exemplo, que é um bem individual, mas o fato de conhecer o valor do bem como algo que possa trazer ao outro a satisfação, a cura, a alegria. O bem não está na qualidade “do bem” substantivo, mas como percepção “de bem” em prol do outro. Uma vez consciente desse bem, o homem chega à ética, porque irá praticá-lo no abstrato e não adquiri-lo materialmente. Para Aristóteles, em qualquer esfera das atitudes humanas, os conceitos são diversos; portanto, o bem não é um elemento comum que se liga a uma ideia única, “[...] ele é a finalidade em todas as ações e propósitos, pois é por sua causa que o homem realiza tudo o mais”. (ARISTÓTELES, 2006, p. 25)

O homem que pratica o bem não precisa ser um estudioso, porque o bem está na alma e a própria ciência mostra isso, pois se toda ação tem uma finalidade e essa é atingível, esse seria o bem. Portanto, o bem se encontra nas ações humanas que são conseqüências do pensamento, de acordo com a concepção de mundo, sendo o bem, nesses termos, uma razão buscada incondicionalmente pelo homem como afirma o próprio Aristóteles:

Se, então, a função do homem é uma atividade da alma que implica um princípio racional, e se dizemos que “um homem” e “um bom homem”, por exemplo, tem uma função que é a mesma em espécie (como por exemplo, um tocador de lira e um bom tocador de lira, e assim sucessivamente, em todos os casos, sendo acrescentada ao nome da função a excelência com respeito a bondade, uma vez que a função de um tocador de lira é tocar lira, e a de um bom tocador de lira é tocá-la bem); se de fato é assim (e afirmamos que a função própria do homem é uma certa espécie de vida, e esta é constituída por uma atividade ou por ações da alma que implicam um princípio racional e que a função de um bom homem é uma boa e nobre realização das mesmas; e se qualquer ação é bem executada quando está de acordo com a excelência que lhe é própria); e se de fato é assim, repetimos, o bem do homem bem a ser a atividade da alma em consonância com a virtude e, se há mais de uma virtude, em consonância com a melhor e a mais completa entre elas. (2006, p. 27)

Quando buscamos o conceito de ética, muitas são as possibilidades, Os Parâmetros Curriculares Nacionais, por exemplo, dispõem que a ética “diz respeito às reflexões sobre as condutas humanas” (2001, p. 31). A partir da concepção de ética, o sujeito adquire a consciência do bem e do mal; do certo e do errado que, conseqüentemente, irá desencadear suas ações. Assim, a ética representa os valores e as virtudes humanas, porque se coloca contra o ‘mal’ e o que pode ser ‘errado’.

A ética é o exercício social do humano como quem vê o outro como a si mesmo, no entanto, os indivíduos contradizem esses preceitos, olhando primeiro e unicamente para si, na busca incessante do poder e da glória, fator que leva Nietzsche, já no começo do século XX, à conclusão de que “aproxima-se o tempo do mais desprezível dos homens, daquele que já não pode se desprezar a si mesmo” (2000, p.21).

A voz de Zaratustra é a forma encontrada por Nietzsche para dizer que: “o homem existe para ser superado, que fizeste para o superar? (NIETZSCHE, 2000, p.17). Essa percepção de superação está na condição de “super-homem”, de superar a si mesmo, para não ser apenas um animal entre muitos. Através das metáforas espalhadas ao longo do texto, Nietzsche expõe concepções do mundo ao homem e do homem a ele mesmo: “Na verdade o homem é um ser poluído. É preciso ser mar para, sem se poluir, receber o rio poluído” (2000, p.18). Esse mar seria o super-homem e, portanto, o humano com todas as suas virtudes de ética e de moral.

Para Nietzsche, o homem é um ser de travessia, uma ponte entre ele e ele mesmo, sua melhor e sua pior parte e, só os que reconhecem seus abismos e os superam conseguem chegar ao alto. É através do conhecimento de si mesmo que o indivíduo conhece o outro e vice versa e é da sede de conhecimento que descobrirá os abismos, para que floresça em si o

super-homem. Nessa perspectiva, o pensador defende a ética como atitude primus da virtude humana, a partir do momento que o homem reconhece-se no outro:

Amo aquele que não reserva para si uma só gota de seu espírito, mas que quer ser inteiramente espírito de sua virtude, porque assim atravessa a ponte como espírito. Amo aquele que faz de sua virtude sua tendência e seu destino. [...] Amo aquele que não quer ter demasiadas virtudes. Uma virtude é mais virtude do que duas, porque é um nó, mais forte a que se aferra o destino. (NIETZSCHE, 2000, p. 20)

Todo homem possui um conflito para poder exercer a metamorfose: a mudança ou aprendizado, a nova maneira de olhar o mundo. Esses conflitos geram as escolhas e são tratados por Nietzsche como o caos humano: “ainda é preciso ter um caos dentro de si para gerar uma estrela que dança. Tendes ainda um caos dentro de vós. Aproxima-se o tempo em que o homem já não conseguirá gerar estrela alguma” (NIETZSCHE, 2000, p. 21), porque cada uma através da sede de poder só verá a si. Observa-se, no entanto, que apesar da Globalização e do acesso às redes sociais, o ser humano fecha-se em um ostracismo para não se integrar ao outro na perspectiva material nem espiritual, é o homem em si mesmo, sem conhecer-se e sem conhecer ao outro nem o mundo que o cerca ou o meio ambiente que é invisível aos seus olhos.

Na concepção de ética está a condição do bem, do que é e como se revela humanamente, o bem em sentido abstrato e inerente a alma humana, muito embora o homem lhe ignore e por inconsciência, busque-o apenas como objeto ou elemento de desejo para uma vida melhor, mesmo que isso vá de encontro à vida do planeta.

Enquanto Aristóteles observa a condição “do bem” e “de bem”, como algo que não é só o que se procura, mas também algo que faz parte do sujeito e influi nas suas ações, Nietzsche procura mostrar a possível e plausível diferença e explicação do bem e do mal e de bom e mau. Dessa forma, ele discute o bem como algo a ser adquirido e o bom como algo inerente ao ser humano para a prática do bem comum, ou seja, a forma de olhar para o outro e para o mundo seria fruto dessa condição de bem interior. Assim “o bom está no sentido de quem possui uma alma de natureza elevada” (NIETZSCHE, 2000, p. 27)

Pode-se observar, assim, o encontro de ética e moral nas mesmas condições para os dois pensadores, valores que, além de primordial ao homem, são responsáveis diretos pelo bem da humanidade e estão inseridos na consciência do sujeito ou que, pelo menos, deveriam estar, uma vez que este também possui a má consciência ou a inconsciência, ou seja, aquela que se coloca alheia a esses valores e ao próprio homem.

Dessa forma, a consciência ética e moral passam pelos bens naturais que são oferecidos ao indivíduo, mas não são respeitados por ele, antes, são transformados para atingir os interesses humanos, quando um se coloca como opressor do outro para alimentar o poder em meio a uma lógica de acumulação capitalista.

O mundo sempre esteve ligado por um lado à natureza e por outro, ao poder que, de alguma forma, o humano detém sobre ela, mesmo quando só tirava da Terra o bastante para sua subsistência, para alimentar-se. Assim como um filhote corre em busca das tetas maternas, o homem procura em Gaia o seu leite, que virá das profundezas do grande útero, explorado desde sempre. Ele recebe dela tudo que busca, mas ignora que essa fertilidade pode ter fim. A exploração capitalista passa a querer da Mãe mais do que ela pode dar, ou pelo menos com a velocidade que ela não consegue acompanhar. O humano conhece a face sedutora do poder e rende-se a ele, como um Romeu a sua Julieta. Assim, passa a viver a busca e em função desse bem, justificando suas ações com promessas levianas e mentiras.

Para o indivíduo que possui essa visão, isso seria a evolução, mas todo progresso tem um preço e, muitas vezes, para se ter um benefício, é necessário a destruição ou abdicação de outro. Assim, em nome do que chamamos progresso e para atender a sede do “capitalismo selvagem”, quantos mundos ainda teremos que destruir para alimentar esse lobo esfomeado?

O bem procurado vai levar o indivíduo, hoje completamente desprovido de ética, a se opor à natureza e ao outro e destruir o seu próprio habitat, agindo à semelhança de uma erva daninha, que domina um espaço e ao dominá-lo, se torna presa de sua própria condição de dominadora. De acordo com Garrard (2006), uma observação contextual, na situação atual, leva a pensar que podemos estar no lugar errado e no momento errado, até porque parece que esse homem passa agora por um período de transição ou mesmo de transmutação, que o levará de ser humano à máquina, uma máquina que não precisará mais da natureza, pelo menos da mesma forma que o humano atual.

Vivemos numa sociedade alimentada pelo consumo, independente da forma como o objeto chegue até nós, mas para consumir é necessário produzir, e a produção só é possível com a matéria-prima retirada da natureza de forma violenta, inescrupulosa, antiética, levando o sujeito a ser o predador de si mesmo. Além da exploração sem controle, há a mudança do natural para o artificial no objetivo de atender ao propósito do poder capitalista.

Santos (2006) observa que os meios de exploração da natureza, seus benefícios e malefícios culminam sempre no lucro e na rendição à globalização: “Quanto mais tecnicamente contemporâneos são os objetos, mais eles se subordinam às lógicas globais. Agora se torna mais nítida a associação entre objetos modernos e atores hegemônicos. Na

realidade ambos são os responsáveis principais no atual processo de globalização. (2006, p, 240).

De acordo com Santos, dentro em breve estaremos em um mundo artificializado, em que os recursos dependerão do homem, o que pode ser perigoso, haja vista o uso do poder pelo homem para oprimir o outro. Nesse contexto, os menos favorecidos, as minorias serão os primeiros a desaparecer assim como a fauna e a flora que estão à mercê da crueldade e do egoísmo humanos.

Somos resultados de ações éticas e não éticas do passado que ainda se reproduzem só que de forma diferente. Nessa perspectiva, o passado nos ajuda a compreender e obter subsídios para encarar o presente. Nas conquistas das Américas, por exemplo, encontra-se o fenômeno da mestiçagem étnica, mas também da imposição do poder e de valores expressos nas atitudes humanas que destroem o planeta na medida em que destrói a si mesmo. Nesse contexto, Gruzinski diz que:

As mestiçagens desencadeadas pela conquista do Novo Mundo parecem indissociáveis dos outros fenômenos maiores na América do século XIX: de um lado o que costuma se chamar “Choque da conquista” e, de outro, o que chamei de ocidentalização, essa empreitada multiforme que levou a Europa ocidental no rastro de Castela, a fazer a conquista das almas, dos corpos e dos territórios do novo mundo.(2001, p.63)

Em “O desafio das misturas”, al Gruzinski, através de Beltran, mostra como se deu esse processo. Para este último as mestiçagens das lutas entre a cultura europeia colonial e a cultura indígena, ocorre quando “os elementos opostos das culturas em contato tendem a se excluir mutuamente, eles se enfrentam e se opõem uns aos outros; mas ao mesmo tempo, tendem a se interpretar, a se conjugar e a se identificar” (GRUZINSKI, 2001, p.45). Em outras palavras, é o choque dessas culturas quando entram em contato, que permite o nascimento de uma cultura mestiça e essa mestiçagem acontece no aspecto étnico, social e religioso como é o caso das culturas afro-brasileiras.

Gruzinski reconhece a mestiçagem americana em virtude da colonização europeia, no entanto, para ele, esse fato impede que ela seja considerada um fenômeno cultural, ou seja, não aconteceu naturalmente, foi algo imposto, dentro de um clima escravocrata. Ressalta-se, porém, que a cultura da sociedade moderna não se furta a essa forma de culturalização já que seguimos um modelo e que um precisa estar na condição de miserabilidade, para poder evidenciar a diferença entre as classes e o modelo a ser seguido. Os que fazem parte desse mundo são os excluídos, a ‘escória social’, criada pela própria sociedade dominante, por linhas abissais que segundo Santos (2010) ainda divide os espaços sociais pelo poder

aquisitivo com fronteiras invisíveis aos olhos, mas vistas pelo bom senso. Quando nos reportamos às obras literárias aqui analisadas, vemos que essa segregação fica clara tanto na família de Fabiano em *Vidas Secas*, quanto nos bichos e homens descritos por Miguel Torga em *Bichos*.

A relação de poder sempre fez parte da vida humana e faz presente dos modos mais sórdidos, uma vez que mostra a ‘escuridão’ humana, independente de cor, classe ou etnia. Um é oprimido até que encontre outro em situação de maior fragilidade para passar, imediatamente, a opressor. Essa concepção de poder comunga com a idéia de Foucault (1998), quando o autor nos faz ver que não há um poder absoluto, mas poderes que se sobrepõem a outros, ou seja, há sempre alguém em situação de “desvantagem” em relação a outro, não há um poder absoluto, ele está em condição de relatividade: um oprimido poderá em outra situação ser um opressor.

Em *Vidas Secas* essa relatividade do poder e concepções de ética, se expressam nos encontros entre Fabiano e o Soldado amarelo, no primeiro encontro o soldado comandou tudo e humilhou o vaqueiro, no segundo o vaqueiro detinha o poder de está em seu território e ter mais corpo do que o soldado, porém Fabiano, diferentemente do soldado, não usou o ‘poder’ nesse momento, deixando evidente a diferença entre a atitude ética dele e antiética do Soldado amarelo. Esse exemplo também pode ser visto, na realidade, através da relação de negros e índios na invasão ao México pelos espanhóis, como mostra Gruzinski (2001, p. 66):

[...] Conrastes e escravos negros tiranizavam índios como “opressores egípcios faziam o povo de Israel sofrer”. Eles envenenam e corrompem tudo, fedorentos como carnes atacadas por moscas, em razão de seus maus exemplos. Invasores que, na Espanha, não passavam de camponeses julgam-se “senhores e começam a dar ordem aos senhores naturais do México; negros se fazem servir e temer mais do que se fossem senhores dessa gente [...].

Outra realidade ainda presente é o trabalho escravo, cruel e inaceitável. O que vivem os personagens das obras, ainda é vigente em muitos cantos do país. O protagonista de *Vidas Secas*, se vê na condição do homem bicho, assim como é o caso de Ramiro, personagem de *Bichos*. Ambos vivem em condições subumanas no que se refere ao mínimo de dignidade para que possam se sentir sujeitos na sociedade. Um dos exemplos está no episódio *Cadeia*, de *Vidas secas* a falta da palavra para que Fabiano argumente sua defesa. Também no episódio *Contas* o vaqueiro é ludibriado pelo patrão e mais uma vez não tem argumentos.

Sabemos que conquistadores são todos aqueles que possuem o poder bélico ou do capital e, através deste, obtêm os “bens” almejados, aprendizado, conhecimento, terras, entre outros, além do poder da linguagem e da palavra, e muitos outros, que são usados, não em

prol do outro, mas contra ele. Esse fato mostra a diferença de bom e de mau, de ética e de não ética, de moral e de amoralidade nas atitudes do homem e, acima de tudo, a relação de poder que sempre fez parte das relações humanas e, por ele, a busca é incessante e infinita, pois o homem, como ser incompleto, também é insatisfeito e quer sempre mais, independente do que tenha que fazer e de quem tenha que pagar para que ele consiga o bem pretendido.

A ética constante em um indivíduo, o enforma em todos os ângulos, portanto, a relação do humano com a natureza não é diferente da relação dele com o outro. O homem que respeita os elementos da natureza, provavelmente respeitará seu semelhante. Ao vermos o contrário, é porque há algo errado entre o discurso e as ações. O fato é que a “natureza pode ser constituída a partir de certos aspectos culturais e do interesse das classes dominantes ou de algum grupo social” (GARRARD, 2006). Assim, cada um traz sua concepção e procura fazê-la dominante, gerando manipulações de ideias e de condutas generalizáveis, a partir de interesses não confessos.

A indústria que produz, exacerbadamente, tem como objetivo o lucro, que vem através do consumo de seus produtos. Esse consumo, ao tempo que assegura o emprego do cidadão, exige da natureza a matéria-prima para continuar produzindo. Enquanto isso, prega a conservação do meio ambiente e economia de energia e combustível, sem desligar nenhuma máquina. Até que ponto a ética persiste nas atitudes dos homens perante o poder capitalista? Em *Vidas Secas* nos deparamos várias vezes com a revolta muda de Fabiano pelas atitudes do o patrão:

Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia.[...]Não se conformou, devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. [...] Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? (RAMOS, p. 92-93)

O momento da venda do porco, lembrado por Fabiano na hora das contas também mostra a relação de “antropofagia humana” e da relação de poder. Em *Bichos* a relação de poder e a antiética se evidencia de várias formas e uma delas no conto *Morgado*, quando o patrão o abandona para morrer devorado pelos lobos. A morte solitária de Nero mostra o abandono no momento de maior necessidade de compreensão e de afeto: a velhice e a doença.

As obras mostram, além da relação do homem com a natureza como um fazendo parte do outro, a coisificação desse mesmo homem que oprime o seu semelhante enquanto ajuda a destruição do planeta.

Em *Ética e compreensão do outro*, Ricardo Di Napoli faz um estudo sobre ética na visão de Dilthey e traça algumas considerações quanto a opinião do filósofo. Para Di Napoli, as migrações produzem novos conflitos em todas as perspectivas, alterando a compreensão das questões éticas, partindo do princípio de que a diferença de cultura choca e afeta o indivíduo como um todo. É difícil a aceitação pacífica de culturas diferentes e, portanto, cada um tem um conceito ético tanto individual quanto coletivo. Coletivo no sentido de a cultura ser formada por um grupo de indivíduos participantes de um mesmo pensamento e comportamento sobre determinadas questões. E individual a partir do momento que cada indivíduo, mesmo participante de uma mesma cultura, tem seu próprio temperamento, conceito moral e restrições próprias de ser. Assim, podemos falar não só em ética, mas, também, em éticas, já que ela funciona de acordo com a concepção de cada um e de onde, conseqüentemente, nascem suas atitudes.

Di Napoli diz que para Dilthey, o reflexo do pessoal interfere, de certa forma, na ação ética, ou seja, não existe ética sem a influência do eu, pois ela é feita através dos atos, e estes revelam o íntimo de cada um e sua compreensão de mundo. Para Dilthey a relação do sujeito com o mundo vai proporcionar o pensamento ético, pois, segundo Napoli, “o que para Dilthey, se deve procurar compreender não é só o mundo do indivíduo, mas ele próprio inserido no mundo: suas idéias e suas criações na inter-relação com o mundo e com os outros[.]” (2000, p.15), ou seja, o sujeito pessoal e sócio-relacional e, conseqüentemente, a sua visão de mundo interfere nas suas ações, por isso “[...] Para Dilthey, a ética deve fornecer princípios e/ou valores não só para agir ou para a “condução da vida” individual, como também a sociedade política” (DI NAPOLI, 2000, p. 17)

Ao se falar de ética, vários elementos estão inseridos, entre eles o amor, pois é através dele que se vê o outro e esse olhar é que vai determinar os atos do sujeito. Embora o amor não seja o único elemento para a ação ética, constitui-se de grande importância nesse sentido. Nessa perspectiva, Napoli conduz o pensamento de Dilthey dizendo:

Não pretendo, com isso, pleitear que o amor seja para Dilthey um princípio para o agir moral. Ainda que Dilthey reconheça nele, uma função importante que retira o indivíduo do egoísmo, não pode servir para a formação de uma sociedade do ponto de vista ético. (2000, p. 18)

Napoli afirma ainda que a consciência moral para Dilthey “não se resume à consciência de que o homem tem que respeitar a uma lei universal, por ser racional, mas que tem de respeitar o outro para com quem ele tem boa vontade e respeito” (2000, p. 18). Tal afirmação comunga com a idéia aristotélica de que o homem deve ser dotado de razão e essa, antes de tudo, deve dar-lhe a condição ética de olhar para o outro. Assim, as ideias

Diltheyianas estão em consonância também com Nietzsche na concepção de virtude e moral, já que:

Dilthey apresenta-nos uma lista de virtudes como apropriadas para a sociedade e Cultura. Algumas delas são sentimentos ou atitudes para com o outro como: simpatia, doação, necessidade de vida social, sentimento de dever e do direito. Outras virtudes se referem à relação do eu para consigo mesmo, como: desenvolvimento individual, aspiração ao desenvolvimento de habilidades e a perfeição. (NAPOLI, 2000, p. 324)

Vemos, como diz o próprio Dilthey, que a compreensão de mundo e do homem dá ao indivíduo a concepção ética que vai influenciar suas ações, desta feita, nas ações se inclui também a arte, uma vez que essa é reflexo da visão de mundo do homem em cada época e revela, entre outros aspectos, o seu próprio eu. Assim, toda arte é ortodoxa à medida que assume a defesa ou punição de uma determinada classe social ou mesmo de um indivíduo ou comportamento humano e assim é formada a estética que forma a face de cada obra.

2.2 A ética em questão em *Vidas Secas* e Bichos

Ao pensar nas atitudes éticas nos reportamos às obras em questão para uma reflexão sobre alguns personagens. Em *Vidas Secas* questiona-se as atitudes do patrão de Fabiano que se aproveita da situação “inferior” do vaqueiro para enriquecer cada vez mais, sem importar-se que para isso outros tenham que morrer de fome como a família de Fabiano. Observa-se também a ação do Soldado amarelo, representante do ‘poder’, que mostra a relatividade deste, pelo seu comportamento. O soldado naquele lugar era o poder maior e usa disso para humilhar o vaqueiro Fabiano.

Outro fato interessante é a posição do fiscal da prefeitura que, em nome da lei fiscal, tenta arrancar de Fabiano a última alternativa de sobrevivência. Naquele momento, Fabiano também agiu até certo ponto de má fé, quando finge desentendido: “não compreendia nada, era um bruto. Como o outro lhe explicasse que para vender o porco devia pagar imposto, tentara convencê-lo de que ali não havia porco, havia quartos de porco, pedaços de carne”. É relevante observar que enquanto o fiscal entendia do que estava falando e tentava receber o imposto, Fabiano tentava uma escapatória para não se comprometer, pois tinha medo de tudo que era ligado ao governo, também para não se desfazer da única coisa que podia usufruir para o sustento da família. Como não entendia das leis, a única saída era não discutir e também não vender porcos.

Em *Fuga*, último episódio da obra, a família sai às escondidas, na calada da noite, atitude não correta em outra situação que não fosse a de morrer de fome sem sair do lugar e pagar o que não devia sem ter como fazê-lo. Fica para o leitor a responsabilidade de condenar ou absolver Fabiano, e refletir sobre o ditado: ‘atire a primeira pedra quem não o faria’.

A atitude ética está ligada a intencionalidade da ação, pois a condição racional do pensamento do homem para com o seu semelhante ou com o meio ambiente é que vão induzir suas ações. Fabiano não pensa em enganar o patrão, mas em conseguir sobreviver junto com a família. Nesse contexto, os mesmos questionamentos vêm à tona em *Bichos*, quando observamos, por exemplo, o comportamento da família e do próprio filho de *Nero*, no primeiro Conto, que o deixam morrer velho, só e abandonado.

Mago, protagonista do segundo conto, passa pelo nosso olhar como aquele que se acomoda perante os obstáculos e dificuldades da vida, preferindo viver à sombra de dona Sância, não pelo sentimento, mas pela lei do menor esforço. *Madalena*, “heroína” do terceiro conto, chama atenção pela condição de mãe. Diante de uma sociedade cruel ela sofreria a discriminação e o preconceito, mas será que o filho deveria pagar pelos seus atos? Ela tem medo de uma sociedade excludente e preconceituosa, não vive a gravidez, é como se isso lhe fosse um castigo pelo “erro” cometido. Sua angústia talvez tenha contribuído para que o filho nascesse morto e fica também para o leitor o julgamento das atitudes de Madalena.

Bambo, o sapo, desmascara o sujeito que, na mais pobre das atitudes, trai e pode chegar a matar o outro, como o filho do caseiro o matou. *Tenório*, o galo cantor, questiona a posição do dono de trocar-lhe pelo mais moço como se, ao ficar velho, o profissional não servisse mais para o trabalho, ou seja, sabe-se que há um limite cronológico para a vida profissional, mas Tenório se sentiu como uma peça enferrujada que deve ser destruída e substituída.

Cega-rega, a cigarra, evidencia o preconceito de uma profissão desvalorizada, porque não é compreendida como tal, assim como a própria condição da arte. *Ladino*, o pássaro preguiçoso e malandro, também é questionado. Será que suas atitudes com as mulheres eram corretas? Até que ponto seria certo ser sustentado por outras pessoas?

Ramiro, o pastor de ovelhas, leva o leitor a refletir sobre sua atitude ao matar o homem que atirou pedra em sua ovelha. É também do leitor a responsabilidade de julgá-lo, considerando sua trajetória de vida, seu apego aos animais, sua raiz campesina e sua semelhança com os bichos. Sendo a atitude ética ou antiética, fruto da intencionalidade do sujeito, fica a critério do leitor o veredicto de Ramiro.

Farrusco, o melro, com seu jeito sarcástico, mostra para Clara, a rãzinha, a possibilidade de olhar para o mundo, de perceber sua cegueira perante a má fé do Cuco. *Farrusco* é satírico, é dos que mexem com os brios de alguns, mas com certeza, abrem os olhos de muitos, por isso são, na maioria das vezes, indivíduos como ele são perseguidos e “castigados”, em nome de uma moral doente e corrupta como podemos ver na história de Portugal a partir do Golpe de Salazar e brasileira, entre os anos 50 70 do século XX, em relação aos artistas.

Ao observar o conto *Miura*, vê-se a desmascaração do herói humano que na situação apresentada por Torga é um anti-herói, portanto, um antiético. É o homem quem tira o animal do seu habitat para escravizá-lo. *Miura* é preso, judiado, traído, ridicularizado e morto pelo toureiro e mostra que essa situação é notória na história das relações humanas quando das conquistas, a realidade dos negros e escravos degredados para servir a um “senhor”, que se colocou na condição de dono dessas pessoas, sem que ninguém os nomeasse e sem que fosse concedida pelo outro tal situação.

O senhor Nicolau, penúltimo conto de *Bichos* e protagonista do mesmo, leva a reflexão de um ser diferente e mal entendido por uma sociedade hegemônica. Ele criou um mundo para si e nele viveu e morreu sem dar por conta da vida. *Vicente*, o corvo, fecha a obra torgueana denunciando o autoritarismo à medida que mostra um inconformismo e a luta do oprimido contra o opressor. Torga busca na história da humanidade o momento da queda, ou seja, uma situação apocalíptica (o dilúvio), para mostrar a saída através da dignidade e da fidelidade aos princípios, ao mesmo tempo em que mostra, alegoricamente, a tirania do regime salazarista em Portugal.

3 FALANDO SOBRE A ESTÉTICA

A literatura sempre foi vista, comentada e criticada em vários ângulos, formal, estrutural, recepcional entre outros. Na contemporaneidade, a liberdade da arte ultrapassa as fronteiras de teorias e correntes críticas, numa quebra crescente de convenções e uma constante inovação que se cumpre numa arte sem face e como informa Schøllhammer (2009), de estética “inexistente”, ou seja, estética que se diz conforme o estilo de cada um; são vários mundos artístico-literários ocupando o mesmo espaço, numa condição vanguardista de rasgadura do tempo e do espaço. Nesse argumento, “admitamos que a experiência estética, de fato, contém um espectro assim variado de possibilidades”.(LIMA, 1979, p.15). Essas possibilidades estéticas, por sua vez, abrem as inúmeras possibilidades analíticas.

A literatura transfigura a realidade numa relação de autonomia e completude, uma vez que possui sua própria verdade e modo de dizer e que está subordinada à estética de quem a produz. O sentido de completude se dá a partir dos fatos observados não só pelo ângulo de quem diz, mas também pelo de quem lê, haja vista ser o leitor um recriador do texto literário.

A constituição dos textos analisados nesse estudo parte do ponto de vista da produção, da recepção e da expressão uma vez que não se afirma determinadamente um ou outro lado das obras, e sim, conduz-se o leitor a uma reflexão sobre as mesmas. Dessa forma, do mesmo modo que há a liberdade de produção, como ser pensante e em busca de uma consciência mais justa, o leitor tem a liberdade de ponderação, assimilação e julgamento à medida que reflete sobre as instâncias do texto, como condiz às ideias de Lima (1979), para o qual o consenso não é autoritário, não se impõe por si, mas parte de aspectos, elementos, situações e suposições que levam o leitor à determinada direção.

Jauss (1979) defende a ideia de que a busca de compreensão e discernimento através da experiência da leitura possibilita a conscientização em relação aos sentidos e constituição textual, e que todos esses aspectos retornam através da recepção, pois é a sintonia primária que trará o retorno da experiência. A partir da ideia de Jauss, vê-se a dupla função da hermenêutica literária que seria:

Diferenciar metodologicamente os dois modos de recepção, ou seja, de um lado aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, do outro, reconstruir o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferencialmente por leitores de tempos diversos. (1979, p. 46)

Ainda com relação à sintonia, ela pode proporcionar a interação entre o leitor e o texto, ou seja, “como atividade comandada pelo texto, a leitura une o processamento do texto ao efeito sobre o leitor. Essa influência recíproca é descrita como interação” (ISER, 1979, p. 83). As ideias de Iser partem da teoria da Interação expressa por Edward E. Jones e Harold B. Gerard em “Fundations of social psychology” em que são expostos os tipos de contingências das interações humanas, mas os autores enfatizam que o importante não são os tipos, e sim, que toda interação passa por um processo imprevisível sob diferentes contingências que evidenciam a condição autônoma do pensamento de cada indivíduo:

A pseudocontingência domina quando cada parceiro conhece tão bem o plano de conduta (behavioral plan) do outro que tanto as réplicas, quanto as suas conseqüências podem ser perfeitamente previstas, de que resulta uma conduta de papéis semelhante a uma peça bem encenada. Esta ritualização de interação leva ao desaparecimento da contingência. A contingência assimétrica domina quando o parceiro A renuncia à atualização de seu “próprio plano de conduta” e segue sem resistência o parceiro B. Adapta-se

e é ocupado pela estratégia de conduta B. A contingência reativa domina quando “os planos de conduta” respectivos dos parceiros são continuamente encobertos pela reação momentânea ao que acaba de ser dito ou feito. A contingência torna-se dominante neste esquema de reação orientada pelo momento e impede as tentativas de parceiros de expressar seus “planos de conduta” Por fim, na contingência recíproca, domina o esforço de orientar a sua reação de acordo, tanto com o próprio “plano de conduta” quanto com as reações momentâneas dos parceiros. Daí decorrem duas conseqüências: “A interação pode levar ao triunfo da criatividade social, em que cada um é enriquecido pelo outro, ou pode conduzir ao debate de uma hostilidade mútua e crescente, com que ninguém se beneficia. Qualquer que seja o conteúdo do processo de interação, a ele é subjacente uma mistura de resistência dual e de mudança mutua que distingue a contingência recíproca doutros tipos de interação. (ISER, 1979, p. 84)

Dessa forma, fica evidente na contingência recíproca que a dualidade faz parte do processo interativo para o crescimento do indivíduo em qualquer perspectiva, social, ética ou moral, pois leva ao consenso, a flexibilidade, assim como a compreensão do outro e, conseqüentemente, dos fatos constantes no mundo que o cerca, provocando nesse indivíduo uma reorganização de estratégias comportamentais e submetendo-o a um plano de conduta no meio em que esteja inserido.

Por outro lado, oferecem-se também, visões, alusões e dimensões constantes no “não dito” das obras, para um prazer, um complemento, uma vez que o prazer, de acordo com Jauss, pode ser visto em vários ângulos. Nesse sentido, o autor coloca em evidência as posições de Aristóteles, Platão e Santo Agostinho para contextualizar as formas de prazer, podendo o produtor, assim como o leitor, se deleitar com um poema, uma comédia ou com uma tragédia, como também acontece na vida real.

Segundo Marcuse (1999), a teoria marxista coloca a arte como uma das relações sociais e atribui à mesma, uma função política. Para ele, o ato político está no processo artístico, na estética. A estética faz da arte autônoma com relação ao contexto social, pois ela transcende e é, essencialmente, revolucionária. Assim, numa obra os dados são reformulados de acordo com a forma artística. A arte provoca, propõe, revigora conforme a necessidade e o objetivo do olhar artístico.

Dessa forma, a sublimação estética tem uma função crítica, mas dá ao indivíduo, através da subjetividade, a possibilidade de perceber, fazer juízo de valores, sendo, nessa perspectiva, ideológica, uma expressão de resistência. Tendo em vista ser a estética uma ação, a ação ser proporcionada pela concepção ética, é que a resistência através da arte funciona como ideológica. Nesse contexto, Bosi (2002, p.118) afirma que:

A resistência é um conceito originalmente ético e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força exterior ao sujeito [...] A experiência dos artistas e o seu testemunho dizem, em geral, que a arte não é uma atividade que nasça da força de vontade. Esta vem depois. A arte teria a ver primeiramente com a potência do conhecimento: a intuição, a imaginação, a percepção e a memória.

A concepção está intimamente ligada ao conhecimento, à intuição e à imaginação, que, juntos, formam as ações, tendo a arte como uma delas. Assim, a arte é um dos meios usados para o fim de fazer o leitor sair da “caverna”. Desse modo, a literatura deixa expressa sua força ideológica de acordo com os olhos do criador como afirma Bosi:

A translação de sentidos da esfera ética para estética é possível e já deu resultados notáveis quando o narrador se põe a explorar uma força catalisadora da vida em sociedade: os seus valores. À força desse ímã não podem subtrair-se os escritores enquanto fazem parte do tecido vivo de qualquer cultura. O homem de ação, o educador ou o político que interfere diretamente na trama social, julgando-a, e, não raro, pelejando para alterá-la, só o faz enquanto é movido por valores. Estes por seu turno repelem e combatem os antivalores respectivos. O valor é o objeto da intencionalidade, da vontade, é a força propulsora das suas ações. O valor está no fim da ação, como seu objetivo; e está no começo dela enquanto é sua motivação (2002, p.120)

Na obra literária, através dos personagens, do narrador e do eu poético, esses valores emergem e tocam diretamente o leitor à medida que este interage com o texto e tira dele suas próprias conclusões, as quais dependem também de sua percepção de mundo, de seus sentimentos e de sua concepção de valores. Assim, qualquer obra tem um significado de verdade próprio, ela representa a realidade, ao mesmo tempo em que a denuncia, e a sua força de alcançar o objetivo da ideologia está na forma estética, ou seja, na obra literária, o importante não é o que se diz, mas como se diz.

Em comunhão com essas perspectivas, vê-se que a ficção tem sua própria verdade, é dentro da estética que se ancora a realidade imaginária, ela é, portanto, independente das relações sociais, autônoma, dona de si mesma. Marcuse (1999, p. 21), afirma que “a verdade da arte reside no seu poder de cindir no monopólio da realidade estabelecida (e dos que a estabeleceram), para definir o que é real. Nesta ruptura que é a formação estética, o mundo fictício da arte aparece como a verdadeira realidade”.

Enfatiza-se, porém que não é a posição social e aquisitiva do autor que faz a ideologia da obra, essa está na estética que, por sua vez, é representada não pelo que é dito, mas como se diz algo. Os personagens levam a verdade através dos seus destinos, vida e peripécias. A realidade social, assim como a psicológica estão presentes nesses seres fictícios que

asseguram a verdade da ficção, enquanto retratam a realidade do mundo real. Aspectos vistos tanto em *Vidas Secas* quanto em *Bichos*, uma vez que expressam dois mundos, o do dominador e o do dominado.

De certa forma, os destinos abrem um conflito entre a ideia marxista e a de Marcuse. A primeira não entende a relação social do real expressa através da vida dos personagens, ou seja, de acordo com essa perspectiva, a visão político-social deveria ser mostrada na obra em separado dos personagens, um personagem não deveria ser sacrificado em prol de uma estética de verdade social como é o caso do Jovem Verter, Ana Karenina, Ema Bovary e outros. Já para Marcuse, essa estética mostra exatamente o choque dos dois mundos e esses personagens são a ligação e a representação disso, são suas atitudes que levarão a crítica dessa realidade fictícia que transfigura o real. Assim, se referindo à ideia anterior, o próprio Marcuse diz que:

Tal condenação ignora o potencial crítico que se afirma precisamente nessa forma “sublimada”. Dois mundos colidem, possuindo, cada qual a sua própria verdade. A ficção cria a sua própria realidade que permanece válida mesmo quando negada pela realidade estabelecida. O bem e o mal dos indivíduos confrontam-se com o bem e o mal social (1999, p.35)

Independente da recepção do leitor, a obra possui uma realidade própria, e é essa realidade que pode ser captada e até recepcionada pelo leitor conforme sua visão de mundo e seu amadurecimento literário. Partindo dessa premissa, a nossa função é abrir caminhos para o percorrer literário uma vez que a obra é independente e se põe paralelamente ao real armando-se numa ponte de travessia por onde o leitor caminhará.

A estética marxista coloca o proletariado como classe universal, e esta valida uma arte que exprime os problemas, não de uma classe em particular, mas de todos os seres humanos, estando nessa perspectiva a sua universalidade. Porém, não é só a consciência de classe do proletariado que reconstitui a verdade da arte, pois a arte existe a partir da união de indivíduos em prol de uma conscientização na necessidade universal de libertação já que “a arte pode não mudar o mundo, mas pode contribuir para a mudança de consciência e impulso dos homens e mulheres, que podem mudar o mundo” Marcuse (1999, p.39).

Uma arte revolucionária fala a linguagem do povo, tem uma ideologia em prol da classe não dominante para poder defender sua própria ideologia. Assim, Brecht, citado por Marcuse (1999, p.40) diz que “são pessoas que não só participam do desenvolvimento, mas na realidade o usurpam, o forçam, o determinam. Temos diante de nossos olhos um povo que faz história, que transforma o mundo e que se transforma a si mesmo”.

O povo não abrange o todo, mas uma minoria militante que vai de encontro à massa, porque o povo constrói, contribui enquanto a massa apenas absorve e é levada pelas forças de paixões cegas. Portanto, falar a língua do povo é falar a linguagem da libertação e essa linguagem poderá vir através da arte que tem a força estética na qual o povo se encontra, se vê e se orienta.

Nesse aspecto, a arte deve ter uma relação do interior com o exterior, do personagem com o leitor, num encontro de interesses imaginários comuns a ambos. A obra artística deve levar à queda para proporcionar a volta, o levantar, o ato de ir à busca, de acordo com a verdade individual ou coletiva que a persegue porque “a dessublimação da arte pretende libertar a espontaneidade, tanto no artista quanto no receptor. (MARCUSE, 1999, p. 53).

No tocante a *Vidas Secas*, Sant’anna (1984) afirma ter, nessa obra, dois subconjuntos: o dos elementos infra-humanos (papagaio e baleia) e dos elementos humanos (família de Fabiano). Segundo o crítico, esses grupos poderiam ser vistos separadamente apenas pelo raciocínio analítico da decodificação representativa (animal e homem), mas os dois conjuntos se articulam numa integração de igualdade que remete a percepção de que o homem está inferiorizado enquanto o animal é superiorizado. “Numa escala de grau os subgrupos estão dispostos de tal forma que o homem é +1 e o animal -1. esse esquema indicaria que os elementos humanos estão no grau mais baixo e o infra-humano estaria acima do nível animal”. (SANT’ANNA, 1984, p. 157)

Como neorrealista, Torga transcende seu momento, evidenciando a atemporalidade das atitudes humanas através de homens e bichos. Por outro lado, Ramos busca a real condição humana do homem por ele mesmo e dá a este a oportunidade de redenção para a busca do bem à medida que pode praticá-lo. Ambos elevam o animal ao patamar acima do humano enquanto submerge o homem na sua própria escuridão. Eles mostram que, muitas vezes, o homem não consegue atravessar a ponte do seu próprio precipício, como diria Nietzsche, e se perderia em meio ao seu próprio caos. Caos esse que macula a alma e deixa o homem como oprimido de si enquanto oprime o outro.

Nessa perspectiva, vemos obras que resistem ao tempo e ao poder, ideias de pessoas que foram muitas vezes impedidas de se expressar, como é o caso de Ramos, que mostra esse lado obscuro do poder não só através de *Vidas Secas*, mas em *Memórias do cárcere*, além de outras obras. Por outro lado, Torga tenta mostrar, através dos bichos, os bastidores de uma sociedade macabra, cruel e hipócrita. Dessa forma, vêem-se obras que buscam ou, pelo menos evidenciam a busca de alteridade e de consciência de ser. A relação de poder; a resistência do homem do campo, a dureza da vida dos excluídos, a capacidade de sobrevivência das classes

desfavorecidas; o pensamento e conseqüentemente as ações que partem delas, assim como a terra em uma perspectiva telúrica e própria natureza em si, são propostas dessas narrativas.

Esses aspectos são evidenciados na família de Fabiano, ele se acha um bruto, mas imagina que, de alguma forma, está certo em determinadas situações e consegue ver o erro do outro e questionar ainda que para si próprio, como é o caso do abuso do soldado amarelo, do patrão, o fiscal da prefeitura, entre outros. Por outro lado, a autonomia de pensamento de sinhá Vitória mostra uma quebra de barreira, ela sonha além do mundo em que vive, portanto, cruza a fronteira do poder para ter o desejo de mudança da realidade.

Sinhá Vitória representa o inconformismo e a busca de alteridade: “Sinhá Vitória limpou as lágrimas com as costas das mãos, encarquilhou as pálpebras, meteu o rosário no seio e continuou a soprar com vontade, enchendo muito as bochechas” (Vidas Secas, p. 39). Observa-se na personagem, a persistência de quem não se entrega ou se acomoda, ela luta com muita disposição. Na cena destacada, o fogo e a fumaça são o inimigo, mas ela se mantém na luta. Nesse mesmo momento, Baleia expressa sua sensibilidade e, solidária à sinhá Vitória, admira a luta e a “Vitória” da dona. A solidariedade feminina e a admiração pela atitude de valentia de sinhá Vitória deixam Baleia na condição humana, como se vê a seguir:

Sentindo a deslocação do ar e a crepitação dos gravetos, Baleia despetou, retirou-se, prudentemente, receosa de sapecar o pêlo, e ficou observando maravilhada as estrelinhas vermelhas que se apagavam antes de tocar o chão. Aprovou com o movimento da cauda aquele fenômeno e desejou expressar sua admiração a dona. Chegou-se a ela em saltos curtos, ofegando, ergueu-se nas pernas traseiras, imitando gente. Mas sinhá Vitória não queria saber de elogios. (Vidas Secas, p. 39)

Em *Bichos*, Madalena expressa a condição da mulher sem direito a explicação para seus sentimentos e desejos. Por outro lado, a insubordinação de Vicente, o brado de Farrusco, o cantar de Cega-rega, o inconformismo de Miura a sapiência de Bambo mostra quão capaz de atitudes sãs o homem é e como pode ser tolhido de sua condição de “ser” pelas ações do outro através da relatividade do poder.

Nero, protagonista do primeiro conto de *Bichos*, é a imagem de alguém que já foi importante, amado, capaz, “senhor do seu nome“, mas acaba só e abandonado. Baleia, personagem de Ramos, passa pelo mesmo processo e se entrega ao destino dado pelo homem, já que foi ferida por Fabiano. Por outro lado, Fabiano revela a desmascaração de uma sociedade que exclui, oprime, esconde o feito para se proteger. No mesmo contexto, Ramiro, personagem de Torga, acompanha Fabiano na condição que lhes foi dada de estarem socialmente abaixo dos animais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho, vemos que os autores mostram, esteticamente, a noção de ética e moral ao exprimirem a amoralidade e a perspectiva antiética que o poder possibilita, na medida em que corrompe e coisifica o homem, congelando o seu olhar para o outro, como é mostrado no conto Bambo de *Bichos* quando o filho do caseiro novo é que fez aquilo. Devagar, muito devagarzinho, chegou-se a ele espetou-lhe a estaca nas costas. A cena mostra, entre outras coisas, que o ser humano é o único animal que pode “atacar” sem que a outra pessoa nem desconfie de que forma será “atacada”.

Podemos observar que, através da estética, as artes denunciam, lutam, tentam transformar não o mundo, mas o pensamento de cada leitor que é levado a refletir sobre a sua real condição de ser no mundo, porque a estética não é irracionalmente o belo, mas aquilo que desencadeia uma reação pela percepção e faz uma relação entre a vida e a arte.

No caso do meio ambiente, visto de modo socioecológico, cultural e ético, é mais um leque de possíveis interpretações a exemplo do fenomenológico e humano-racional. Assim, deixam-se aqui algumas possibilidades de reflexões quanto aos textos analisados, numa perspectiva de possíveis descobertas que nos proporciona o mundo literário. Dessa forma, abre-se também um leque de possibilidades para a discussão sobre a questão da estética no aspecto geral de criação.

Assim, é possível dizer que o meio ambiente é o todo em que vivemos e que não estamos sós, por isso temos que procurar olhar ao nosso redor e enxergar os outros seres, pois uma ação contra a fauna, a flora, os recursos naturais, é, também, um ataque à vida humana. O ser humano, como ser social, precisa respeitar o outro nas suas diferenças e competências assim como deve respeitar as outras espécies no direito de viver.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. (Trad. Pietro Nasseti). São Paulo: Martin Claret, 2006.
- BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Schwarcz LTDA., 2002.
- _____. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília: 2006.
- GRUZINSKI, Serge. **O Pensamento Mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- ISER, Wolfgang. A Interação do texto com o leitor. In LIMA, Luiz Costa. (org.) **A Literatura e o leitor: textos de Estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz na Terra, 1979.
- LIMA, Luiz Costa. **A Literatura e o leitor: textos de Estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

- _____. A análise sociológica da literatura. In **Teoria da literatura e suas fontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- MARCUSE, Herbert. **A Dimensão estética**. (Trad.) Maria Elisabete Costa. Lisboa: Edições 70, 1999.
- NAPOLI, Ricardo Bins Di. **Ética e a compreensão do outro: A estética de Wilhelm Dilthey sob a perspectiva do encontro intersemiótico**. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falava Zaratustra**. (Trad.) Cícero Mioranza. Coleção obras do pensamento universal. São Paulo: Escala. [2000?].
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Genealogia da moral**. Coleção obras do pensamento universal vol. 20. São Paulo: Escala, [2000?].
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Apresentação dos temas transversais e ética**. Vol. 8. Ministério da Educação. Brasília, 2001.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. São Paulo: Record, 1999.
- SANT'ANNA, Raimundo Romano de. **Análise estrutural de romances brasileiros**. Petrópolis: Vozes, 1984
- SANTOS, B. de S.; MENEZES, M. P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço - técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2006.
- SCHØLLHAMMER, Karl Eric. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- TORGA, Miguel. **Bichos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- VIEIRA, Antonio. **Sermões escolhidos**. São Paulo: Martin Claret, 2005.